



Orientações práticas sobre Inclusão Escolar



Profa. Ma. Patricia Zutião

Profa. Dra. Ana Paula Zerbato

PREZADOS (AS) PROFESSORES (AS) DO IF BAIANO

Esse guia foi criado pelas Profa. Ma. Patricia Zutião e Profa. Dra. Ana Paula Zerbato que, atuam no Atendimento Educacional Especializado – AEE dos campus de Serrinha e Uruçuca, com o intuito de auxiliá-los no cotidiano com os alunos Público-Alvo da Educação Especial - PAEE.

Primeiramente, deve-se salientar que, os alunos considerados PAEE, conforme a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015), são aqueles com deficiência (físicas, sensoriais ou intelectuais), transtornos globais do desenvolvimento e/ou altas habilidades ou superdotação. Destaca-se também a importância da parceria e trabalho contínuo em colaboração de vocês, professores da sala comum, com a professora supracitada que, atua no AEE, com o objetivo de garantir o acesso, permanência e sucesso, direito de todos os alunos PAEE matriculados no IF Baiano.

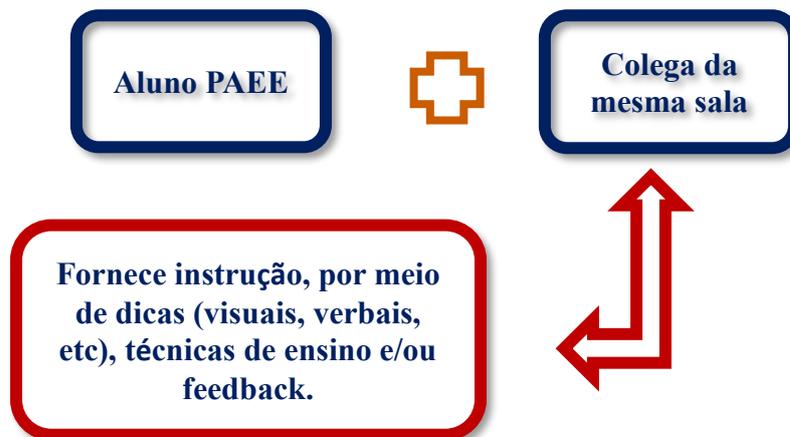
Confiram abaixo, algumas dicas de procedimentos, estratégias, adaptações e metodologias.

DICAS GERAIS DE PROCEDIMENTOS E ESTRATÉGIAS (Embasadas em: FALCONI, E.R.M; SILVA, N.A.S., S/D)

- Aprendizagem = Conteúdo + Respeito às regras e limites + Convivência Social ➡ **PARA TODOS** (Estudantes com necessidades específicas também aprendem e também devem respeitar as mesmas regras que os demais);
- **NÃO existe receita!** Cada aluno precisa ser considerado conforme suas especificidades;
- Relacionar projetos e atividades com a realidade dos alunos, de forma a construir uma aprendizagem significativa;
- Iniciar os conteúdos, a partir das competências e habilidades que os alunos já possuem;
- Foco nas potencialidades: é importante conhecer como o estudante aprende e como melhor ele pode responder (canal visual, canal auditivo, canal gestual, outro).
- Manter uma rotina de trabalho auxilia numa melhor aprendizagem dos alunos com Deficiência Intelectual ou Transtornos Globais do Desenvolvimento. Sempre alertar antecipadamente modificações na rotina.
- Utilizar os interesses dos alunos nas atividades: isso estimulará o aluno em aprender.
- -Explicar de forma clara, com palavras que sejam do conhecimento dos alunos. Repetir as explicações com outras palavras caso o aluno não tenha compreendido. Utilizar poucas palavras auxilia na compreensão, na maioria das situações;
- - Respeitar o tempo e ritmo do aluno. Avaliar quando o estudante necessita de mais tempo para realização de uma atividade/avaliação ou organizar a atividade do estudante em mais dias ou selecionar as questões que são mais importantes para ele responder.
- Fornecer ajuda somente quando for necessário: inicialmente o estudante poderá necessitar de ajuda total, depois de ajuda parcial até ter autonomia para realização individual. Esse auxílio pode vir de um colega de classe também! A parceria entre estudantes instiga a interação entre pares e potencializa o aprendizado.
- Observar as reações e ações do aluno em cada situação e atividade aplicada. Alguns alunos já chegam para nós com traumas, dificuldades e/ou não tendo conhecimentos prévios de determinados conteúdos. Precisamos estar atentos para realizar esse diagnóstico, de forma que consigamos retomar tais conhecimentos;

- Propor atividades que favoreçam a aprendizagem de habilidades adaptativas (Ex. autonomia, sociais, comunicação, emprego, responsabilidades, etc);
- Trabalhar em duplas e/ou grupos: a relação entre pares é fundamental no aprendizado, quando um estudante auxilia o outro ele também aprende!
- Utilizar diferentes recursos durante as aulas: imagens, vídeos, experiências, jogos, computador, etc;
- Utilizar vídeos legendados (surdos) e/ou com audiodescrição (cegos);
- Quando tiver um aluno cego em sala, fazer a audiodescrição de imagens e/ou adaptar materiais concretos;
- Trabalhar juntamente com o aluno a autocorreção;
- Utilizar reforço positivo (principalmente elogios) quando houver acertos nas atividades;
- Propor atividades práticas, pesquisa, vivência, dramatização, teatro, etc;
- Apresentar e combinar os direitos e deveres dos alunos (Todos independente de ter ou não uma deficiência tem os mesmos direitos e deveres e, precisam respeitá-los dentro e fora da sala de aula);
- Na dúvida pergunte sempre ao estudante se este necessita de algum apoio ou auxílio: nada melhor do que conhecer seu aluno e aprender com o próprio sobre suas potencialidades e dificuldades.
- Não rotule ou subestime o estudante. Professor, a todo momento você é o primeiro exemplo em sala de aula para os estudantes: se você não aceitar as diferenças em sala de aula, os demais também não aceitarão.

TUTORIA DE PARES*



* Pode ser aplicada com o rodízio dos colegas de sala, por dia ou por disciplina.

DICAS PARA REALIZAR A AVALIAÇÃO DOS ALUNOS PAEE

- Prova escrita e conteúdo no caderno não devem ser as únicas formas de avaliação!
- Apresentações individuais ou em grupo;
- Possibilitar que o aluno com severo comprometimento dos movimentos de braços e mãos se utilize de um livro de signos/fichas para se comunicar, em vez de exigir dele que escreva com lápis, ou caneta, em papel;

- Possibilitar que o aluno cego realize suas avaliações na escrita braile, lendo-as então, oralmente, ao professor;
- Nas provas escritas do aluno surdo, levar em consideração o momento do percurso em que ele se encontra, no processo de aquisição de uma segunda língua, no caso, a língua portuguesa.
- Avaliação de todo desenvolvimento (não só de conteúdo) DIÁRIO!;
- Nas provas propor diferentes tipos de questões e, com diferentes níveis de dificuldade;
- Provas podem ser adaptadas, caso o aluno necessite;
- Realizar adaptações nas provas em conjunto com a professora de AEE;
- Guardar pelo menos um instrumento de avaliação de cada aluno PAEE para registro do desempenho;
- Avaliar quais habilidades, presentes no perfil do egresso de cada curso, o discente apreendeu em sua disciplina e registrá-las, para termos de certificação.
- Busque conhecer as maneiras como o estudante PAEE aprende e, como ele se sente mais confortável para responder: se é oralmente, via escrita convencional (lápis e papel), escrita no computador ou tablet ou celular) ou com o apoio de imagens e objetos.

ALGUMAS IDEIAS QUE PODEM AUXILIAR NA INCLUSÃO ESCOLAR

ENSINO COLABORATIVO / COENSINO

- Sempre que acharem conveniente e necessário, os professores (sala comum e AEE) poderão trabalhar na forma de coensino ou ensino colaborativo dentro da sala comum.
- Entende-se por coensino / ensino colaborativo quando os professores da sala comum e do AEE planejam, executam, instruem e avaliam em conjunto o ensino em um grupo heterogêneo de alunos (MENDES; VILARONGA; ZERBATO, 2014).

DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM

O Desenho Universal da Aprendizagem - DUA consiste na elaboração de estratégias para acessibilidade facilitada a todos tanto em termos físicos quanto em termos de serviços, produtos e soluções educacionais para que todos possam aprender sem barreiras (CAST, 2013).

Assim, ao invés de se pensar numa adaptação específica para um aluno em particular, em determinada atividade, pensa-se em formas diferenciadas de ensinar o currículo para todos os estudantes (ALVES; RIBEIRO; SIMÕES, 2013). Ao elaborar materiais concretos para o aprendizado de conteúdos matemáticos para um aluno cego, por exemplo, tal recurso, normalmente, é pensado e adaptado para os alunos-alvo da Educação Especial da turma, porém, na perspectiva do DUA, o

mesmo material pode ser utilizado por todos em sala de aula, podendo beneficiar outros estudantes na compreensão dos conteúdos ensinados.

Segundo Rose, Meyer (2002), o DUA embasa-se em 3 princípios:

A) Princípio de engajamento

Estratégias fundamentadas nesse princípio:

- I) fornecer níveis ajustáveis de desafio;
- II) oferecer oportunidade de interagir em diferentes contextos de aprendizagem;
- III) proporcionar opções de incentivos e recompensas na aprendizagem.

Tais estratégias podem ser colocadas em prática por meio da utilização de softwares interativos, textos e/ou livros gravados, uso de jogos e/ou músicas, avaliação baseada no desempenho real do aluno, tutoria entre pares, entre outros.

B) Princípio da apresentação do conteúdo / representação

Envolve estratégias pedagógicas que apoiam a apresentação e o reconhecimento da informação a ser aprendida. Em outras palavras, é a relação que se faz com o conhecimento por meio da memória, necessidades e emoções de cada um. O modo pelo qual as informações são apresentadas aos estudantes pode expandir ou limitar seus conhecimentos e também demonstrar se eles irão ou não aprender o conteúdo (ROSE; MEYER, 2002).

O princípio da representação aponta os caminhos que podem ser oferecidos aos estudantes para que acessem conhecimentos prévios, ideias, conceitos e temas atuais a partir de informações apresentadas e, ao mesmo tempo, pode fornecer suporte para decodificar essas informações (ROSE; MEYER, 2002). Quanto maiores as possibilidades de apresentar um novo conhecimento, maiores as possibilidades em aprendê-lo.

Exemplos práticos que poderiam ser utilizados: utilização de livros digitais, softwares especializados e recursos de sites específicos, elaboração de cartazes, de esquemas e resumos de textos, construção de cartões táteis e visuais com códigos de cores, entre outros.

C) Princípio da ação e expressão

Inicialmente, pode ser entendido como diretamente relacionado à avaliação da aprendizagem somente, mas essa diretriz é bem mais profunda. Estudantes precisam de apoios, medidas e

orientações para aprender a todo momento, por isso, no princípio da Ação e Expressão pensa-se nas estratégias utilizadas para processar a informação a ser aprendida (NELSON, 2014) e visa-se a disponibilização de modelos flexíveis de demonstração de desempenho, buscando oportunizar a prática com apoio, fornecer *feedback* relevante e contínuo e proporcionar oportunidades flexíveis para demonstrar competências.

Exemplos de estratégias utilizadas para o alcance de tal princípio: elaboração e utilização de mapas conceituais - construídos on-line ou em papel - que proporcionam aos alunos um mapa gráfico para evidenciar a aprendizagem, gráficos elaborados com dados sobre o progresso de aprendizagem dos alunos, aprendizagem cooperativa (discussões em pequenos grupos sobre o que foi aprendido), pensar “em voz alta” (encorajar os alunos a falarem sobre o que aprenderam), exercícios orais, de socialização, entre outros.

ADAPTAÇÕES CURRICULARES

Segundo Heredero (2010, p.198):

As adaptações curriculares pretendem alcançar a máxima compreensão através de um currículo adaptado, mantendo alguns elementos comuns com muitas matérias da referida etapa; uma metodologia adequada, com modificações em seus agrupamentos, e novas organizações temporais para dar conta das necessidades individuais, e de aprendizagens das mais significativas e funcionais possíveis. Por isso, realizam-se em três níveis: 1) No âmbito do projeto pedagógico e seu currículo escolar; 2) No currículo desenvolvido em sala de aula e; 3) No nível individual de cada aluno.

As adaptações curriculares podem ser:

- Grande porte, extraordinárias ou significativas: são de competência e atribuições das instâncias político-administrativas superiores, já que exigem modificações que envolvem ações de natureza política, administrativa, financeira e burocrática (BRASIL, 2000).
- Pequeno porte, simples ou pouco significativas: compreendem modificações menores, de competência específica do professor. Elas constituem pequenos ajustes nas ações planejadas a serem desenvolvidas no contexto da sala de aula (BRASIL, 2000).

Podem ocorrer adaptações de grande ou pequeno porte de: objetivos, conteúdos, método de ensino e organização didática, avaliação e temporalidade do processo de ensino e aprendizagem.

-Algumas Adaptações que cabem ao professor (BRASIL, 2000):

- criar condições físicas, ambientais e materiais para a participação do aluno com necessidades especiais na sala de aula;
- favorecer os melhores níveis de comunicação e de interação do aluno com as pessoas com os quais convive na comunidade escolar;
- favorecer a participação do aluno nas atividades escolares;
- atuar para a aquisição dos equipamentos e recursos materiais específicos necessários;
- adaptar materiais de uso comum em sala de aula; adotar sistemas alternativos de comunicação, para os alunos impedidos de comunicação oral, tanto no processo de ensino e aprendizagem como no processo de avaliação;
- favorecer a eliminação de sentimentos de inferioridade, de menos valia, ou de fracasso.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. M.; RIBEIRO, J.; SIMÕES, F.; Universal Design for Learning (UDL): Contributos para uma escola de todos. In: *Indagatio Didactica*, v.5 (4), dezembro de 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação / Secretaria de Educação Especial. *Projeto Escola Viva. Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola. Alunos com necessidades educacionais especiais*. Brasília, 2000.
- BRASIL, 2015, *Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência*. Brasília, 2015.
- CAST, UDL Book Builder. Massachusetts Department of Elementary & Secondary Education, NEC Foundation of America. The John W. Alden Trust, and the Pinkerton Foundation, 2013. Disponível em: <<http://bookbuilder.cast.org/>> Acesso em: 22 de abril de 2018.
- FALCONI, E.R.M; SILVA, N.A.S. *Estratégias de Trabalho para Alunos com Deficiência Intelectual*. Atendimento educacional especializado. s/a. Disponível em: <<https://especialdeadantina.files.wordpress.com/2014/05/estrategias-de-trabalho-para-alunos-com-di.pdf>>. Acesso em: 22 de abril de 2018.
- HEREDERO, Eladio Sebastian. A escola inclusiva e estratégias para fazer frente a ela: as adaptações curriculares. *Acta Scientiarum Education*. Mariangá, v. 32, n.2, p. 193-208, 2010.
- MENDES, E. G.; VILARONGA, C. A. R.; ZERBATO, A. P.; *Ensino Colaborativo como Apoio à Inclusão Escolar*, EdUFSCar, 2014.
- NELSON, L. L. *Design and deliver: planning and teaching using universal design for learning*. Paul. H. Brookes Publishing Co. 2014. 151p.
- ROSE, D. H.; MEYER, A. *Teaching every student in the digital age: Universal design for learning*. Alexandria: ASCD. 2002.